

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

01 a 08 de julho de 2022 | www.abbc.org.br



De olho nos indicadores dos EUA

Fundamentalmente em função das medidas de redução da alíquota do ICMS sobre os combustíveis e a energia elétrica, as estimativas para o IPCA reduziram-se fortemente. A projeção para o IPCA em 2022 reduziu-se de 8,50% há 4 semanas para 7,67%. Como os efeitos estariam restritos a esse ano, as projeções para 2023, horizonte ainda considerado relevante para a política monetária, estão em 5,09% (4,70% há 4 semanas), acima do limite superior da meta de 4,75%. Na iminência da aprovação da “Pec dos Benefícios”, a mediana das projeções do PIB para 2022 devem se elevar gradualmente de 1,59% para 2,00% no Boletim Focus. O IBC-BR ainda de abril, mostrou uma queda marginal de -0,44%, encerrando com uma variação do acumulado em 12 meses de 3,46% a.a. (4,59% a.a. em mar/22).

Com o aumento da taxa de juros neutra, provavelmente, por causa das incertezas com o regime fiscal, a taxa real de juros *ex-ante* adentra cada vez mais no terreno contracionista, alcançando 8,34% a.a. (7,02% a.a. há 4 semanas). Em razão da resiliência no mercado de trabalho dos EUA, como apontou o *payroll* de junho, reforçou-se a perspectiva de um ritmo de aperto monetário mais forte pelo Federal Reserve. Assim, o retorno das *T-Notes* de 10 anos apontou uma alta de 0,21 p.p. na semana para 3,09% a.a., o que eleva o risco de uma recessão, enquanto o *Dollar Index*, subiu 1,78%. Entretanto, o real exibiu uma boa performance, encerrando cotado a US\$/R\$ 5,26 (apreciação de 1,44%), talvez influenciado pelo fluxo de entrada de recursos.

Na semana que se adentra serão disponibilizados os indicadores de atividade e inflação que darão indícios quanto ao rumo da política monetária nos EUA e de uma possível recessão, entre eles o CPI, os indicadores da indústria e do varejo e o Livro Bege. Não menos importante, a China também divulgará o PIB do 2T22. Localmente, destaque para a PMC e PMS de maio.

IPCA (%)			
Mediana - agregado			
	08/07/2022	Ult. Semana	Há 4 semanas
jul/22	-0,28	0,06	0,50
ago/22	0,16	0,18	0,36
set/22	0,48	0,47	0,46
2022	7,67	7,96	8,50
2023	5,09	5,01	4,70
2024	3,30	3,25	3,25

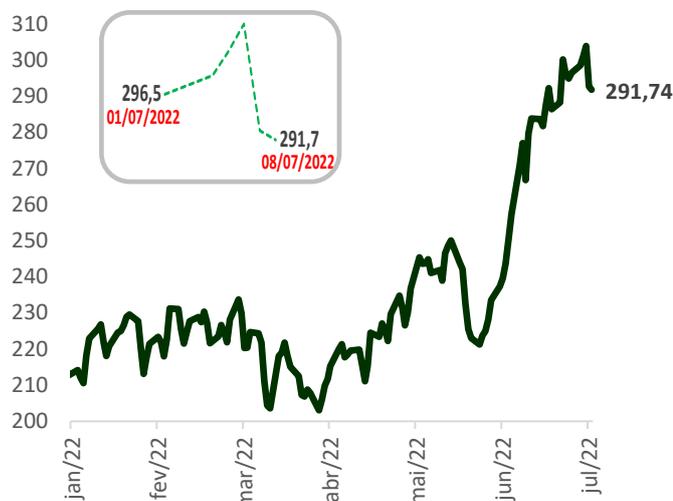
Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

O Banco Central divulgou novamente o Boletim Focus com a atualização do cenário prospectivo para a atividade econômica. Em relação à versão anterior, a mediana das projeções de crescimento do PIB para 2022 subiu em 0,08 p.p. para 1,59% (+0,17 p.p. em 4 semanas). Para 2023, o indicador permaneceu estável em 0,50% (-0,05 p.p. em 4 semanas), enquanto reduziu-se em -0,01 p.p. para 1,80% para 2024 (-0,20 p.p. em 4 semanas). Fundamentalmente em função das medidas de redução da alíquota do ICMS sobre os combustíveis e a energia elétrica, as estimativas para o IPCA reduziram-se fortemente. A de julho saiu de 0,06% para -0,28% (0,50% há 4 semanas), a de agosto passou de 0,18% para 0,16% (0,36% há 4 semanas) e a de setembro variou de 0,47% para 0,48% (0,46% há 4 semanas). A redução das expectativas inflacionárias de curto prazo promoveu uma queda semanal de -0,29 p.p. na projeção para o IPCA em 2022 para 7,67% (8,50% há 4 semanas). Contudo, como as medidas serão vigentes só até o final do ano, as projeções para 2023, horizonte ainda considerado relevante para a política monetária, aumentaram em 0,08 p.p. para 5,09% (4,70% há 4 semanas), distanciando-se ainda mais do limite superior da meta de 4,75%. Para 2024, as estimativas subiram 0,05 p.p. para 3,30%. Já a inflação implícita nas negociações de títulos públicos para o prazo de um ano recuou expressivos -0,23 p.p. para 6,11%. A projeção de mercado para a Meta Selic manteve-se estável em 13,75% a.a. para o final de 2022 e em 10,50% a.a. para 2023, elevando-se em 0,25 p.p. para 8,00% a.a. em 2024. As estimativas para as taxas de câmbio aumentaram de R\$ 5,09/US\$ para R\$ 5,13/US\$ em 2022, continuando estáveis em R\$ 5,10/US\$ para 2023 e reduzindo-se de R\$ 5,07/US\$ para R\$ 5,06/US\$ para 2024. A estimativa para a dívida líquida do setor público permaneceu em 59,0% do PIB para 2022, em 62,0% do PIB para 2023 e em 63,0% do PIB para 2024. A expectativa para o resultado primário ficou estável em 0,10% do PIB em 2022 e passou de um déficit de -0,10% para -0,20% em 2023, mantendo-se estável em 0,0% em 2024. Para o resultado nominal, a projeção do déficit manteve-se em -6,70% do PIB para 2022, -7,60% para 2023 e em -5,70% em 2024.

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

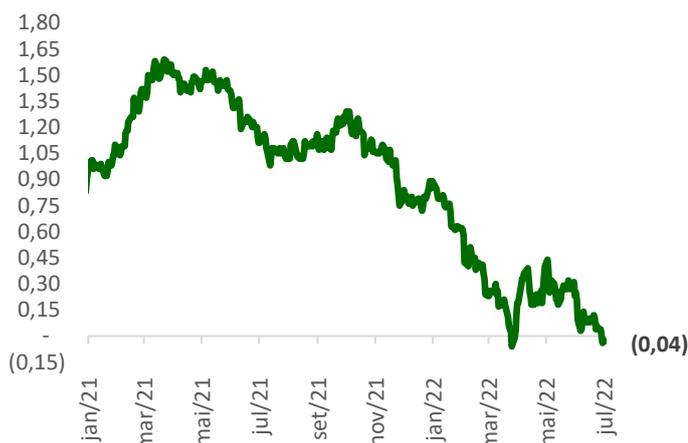
Aversão ao Risco

Credit Default Swap (CDS) Variação na semana



A semana começou marcada pelo aumento da aversão ao risco no mercado global, com o crescente temor de uma recessão nos mercados desenvolvidos, particularmente nos EUA. Movimento que beneficiou a procura por ativos tidos como de maior segurança. Porém, os dados do mercado de trabalho nos EUA em junho, com a criação de 372 mil vagas ante 250 mil esperados, apontaram para um mercado de trabalho ainda aquecido, o que favorece a manutenção da política monetária mais agressiva.

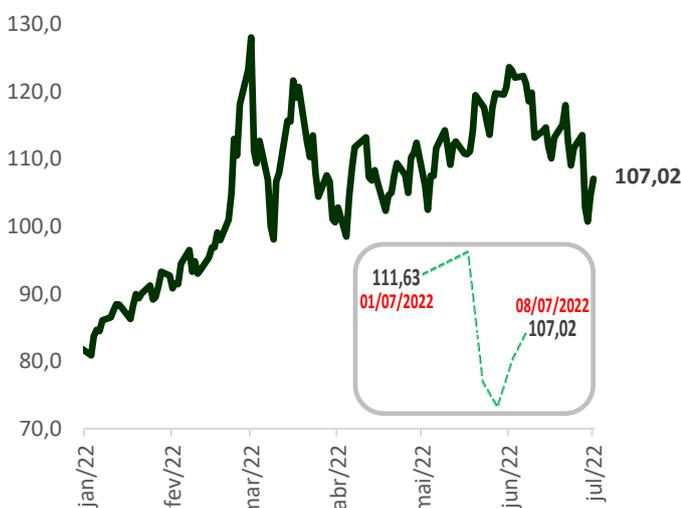
T-Note - Spread Diferença entre 10 e 2 anos (em p.p.)



O retorno das *T-Notes* com vencimento em 10 anos fechou a semana com alta de 0,21 p.p. para 3,09% a.a.. Entretanto, o retorno dos títulos mais curtos tem crescido mais rápido, sendo que para a taxa de 2 anos já alcançou 3,12% a.a., respondendo à velocidade do ciclo de alta dos juros. Assim, o *spread* entre as taxas de 10 e 2 anos voltou para o campo negativo, podendo ser um prenúncio de uma recessão no horizonte.

Ao final da semana, o risco soberano brasileiro, medido pelo prêmio do CDS de 5 anos, registrou queda de -4,74 bps. para 291,74 bps.. Por fim, também manifestando os temores com a possível recessão global, o que poderia afetar a demanda pela *commodity*, a cotação do barril de petróleo tipo Brent encerrou a semana em US\$ 107,02, o que representou uma contração de -4,13% na semana. Contudo, diversos problemas nas produções em alguns países e o ceticismo quanto à capacidade da Opep em cumprir seu cronograma de aumento da produção, impede uma queda mais intensa na cotação.

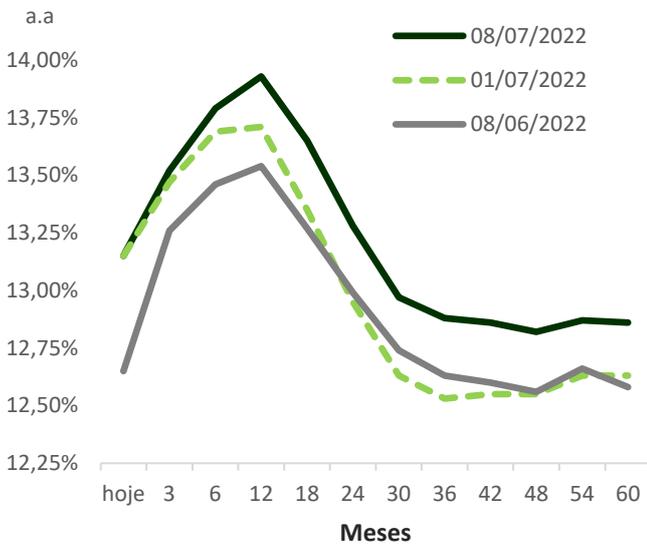
Petróleo Brent última cotação US\$



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

Estrutura a Termo das Taxas de Juros



Os prêmios de risco ao longo da Estrutura a Termo da Taxa de Juros aumentaram na semana, reagindo não só ao resultado do IPCA e à leitura negativa para a média dos núcleos e dos preços subjacentes, que permaneceram acima da mediana das estimativas em junho, mas também aos receios associados à trajetória fiscal, com a votação da PEC dos combustíveis, e ao ambiente externo de maior aversão ao risco, diante do possível impacto da divulgação do *payroll* na trajetória da política monetária nos EUA.

A taxa de juros do swap DI prefixado de 360 dias exibiu alta de 0,22 p.p. fechando a semana em 13,93% a.a.. Com a inflação esperada para os próximos 12 meses apresentando queda de -0,29 p.p. para 5,16%, a taxa real de juros *ex-ante* subiu 0,34 p.p. para 8,34% a.a., no encerramento do dia 08/07 (7,02% a.a. há 4 semanas).

Com alta também nos vértices intermediários, as taxas de juros dos prazos de 24 e 36 meses subiram expressivos 0,33 p.p. e 0,35 p.p. para 13,28% a.a. e 12,88% a.a., respectivamente. A ponta longa da curva também sofreu alta considerável, com os vértices de 48 e 60 meses subindo 0,27 p.p. e 0,23 p.p. para 12,82% a.a. e 12,86% a.a., na ordem.

Por fim, o *spread* da taxa de juros de 1 e 10 anos com base na negociação dos títulos públicos, apurado pela Anbima, cedeu -0,06 p.p., para -0,60 p.p., no encerramento do dia 08/07. E o *spread* relativo ao mercado futuro de juros, disponibilizado pela B3, aumentou 0,03 p.p. para -0,85 p.p., no fechamento da semana.

Taxa Real de Juros

Ex-ante



Spread da Taxa de Juros

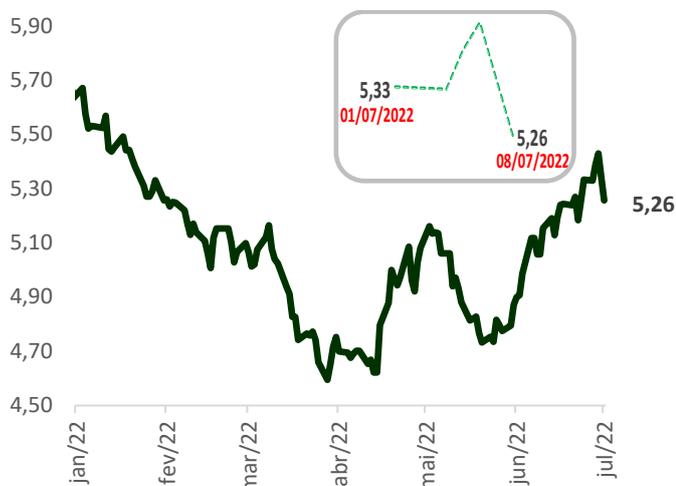
Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3. Elaboração ABBC

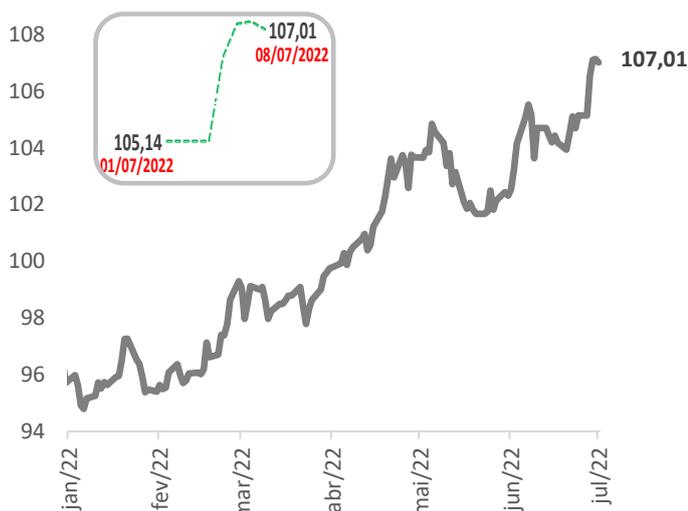
Câmbio

Real/US\$



A semana iniciou com o dólar ganhando força nos mercados globais com a crescente preocupação de uma recessão nos EUA. Contudo, os dados do mercado de trabalho acima dos esperados sustentaram a aposta de um aperto monetário mais agressivo. Localmente, apesar da pressão no lado fiscal, com a tramitação da “PEC dos Benefícios”, o dólar devolveu seus ganhos na última parte da semana, de modo que o real encerrou a semana com apreciação, aparentemente em um movimento de correção.

Dollar Index



Neste sentido, o *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana frente às de países desenvolvidos, subiu 1,78% na semana, refletindo as depreciações de 2,25% no euro e de 0,52% na libra esterlina. Em linha, o índice que calcula a variação das moedas de países emergentes em relação ao dólar recuou -2,52% no período, com destaques para as depreciações de 3,04% na lira turca, de 1,07% no peso argentino e de 0,93% no peso mexicano.

No ambiente doméstico, o dólar encerrou cotado a R\$ 5,26, o que representou uma queda de 1,44% na semana. Com isso, o Banco Central realizou a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/08/2022 na segunda (04/07), se mantendo fora do mercado de câmbio nos restantes dos dias.

Índice de Emergentes*



*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

FomC – Jun/22

Projeções Econômicas do Fed Mediana

	2022		2023		2024	
	jun/22	Mar/22	jun/22	mar/22	Jun/22	Mar/22
PIB	1,7%	2,8%	1,7%	2,2%	1,9%	2,0%
Desemprego	3,7%	3,5%	3,9%	3,5%	4,1%	3,6%
Inflação (PCE)	5,2%	4,3%	2,6%	2,7%	2,2%	2,3%
Núcleo de Inflação (Core PEC)	4,3%	4,1%	2,7%	2,6%	2,3%	2,3%
Juros (Fed Funds Rate)	3,4%	1,9%	3,8%	2,8%	3,4%	2,8%

Fonte: Fed. Elaboração ABBC

Sem surpresas, a ata do Comitê de Política Monetária do *Federal Reserve* (Fomc) destacou as pressões persistentes sobre os preços diante da descoordenação entre a demanda e oferta de bens, da continuidade da Guerra na Ucrânia e do aperto no mercado de trabalho doméstico, adicionalmente à ratificação da sua postura mais rígida da autoridade monetária no combate à inflação. Diante de pressões inflacionárias elevadas e de sinais de deterioração nas expectativas de inflação, o comitê reafirmou o seu compromisso em convergir a inflação para a meta de 2%, o que deve provocar uma desaceleração do crescimento, com o risco da formação de um processo recessivo.

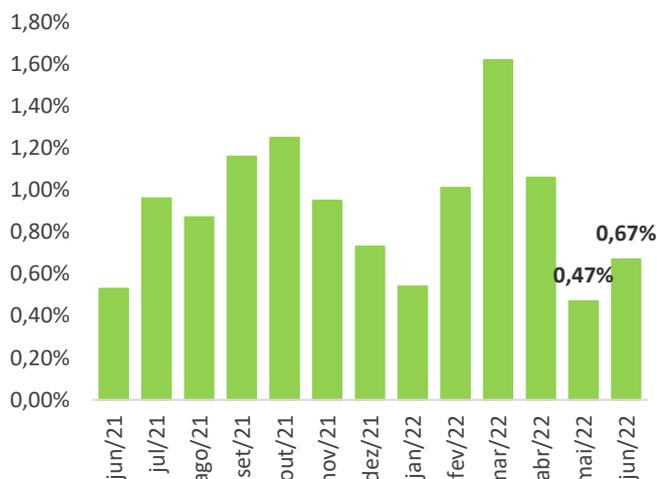
Com relação à decisão de junho, os integrantes do Fomc pontuaram que a aceleração do ritmo de aperto monetário se mostrou necessária à medida que a inflação atingiu níveis recordes em mais de 40 anos. Além da deterioração da dinâmica inflacionária, há preocupação com a perda de credibilidade de que a autoridade monetária possa fazer a inflação convergir à meta.

No sentido de atingir os seus objetivos, os integrantes do Fomc julgaram que um aumento dos juros em 0,5 p.p. ou 0,75 p.p. na próxima reunião seria provavelmente o mais apropriado. O consenso é da necessidade de que as taxas de juros alcancem o campo restritivo até o final de 2022. Assim, a faixa atual de 1,5% a 1,75% ao ano deveria subir para perto ou acima do patamar nominal de cerca de 2,5% ao ano. Nível estimado para a taxa neutra, ou seja, aquela que não acelera nem desacelera a inflação e consistente com a economia estável em pleno emprego.

Apesar dos sinais da desaceleração da atividade econômica, os dados do *payroll* divulgados na sexta-feira apontaram criação de 372 mil vagas de trabalho em junho, volume muito superior ao aguardado (268 mil vagas de trabalho). Já a criação de emprego em mai/22 foi revisada de 390 mil para 384 mil postos de trabalho. Entretanto, a expectativa é de que haja desaceleração neste ritmo nos próximos meses. A taxa de desemprego se manteve estável em 3,6%, como o previsto. O salário médio por hora cresceu 0,3% na comparação mensal e 5,1% no confronto com jun/21.

IPCA – Jun/22

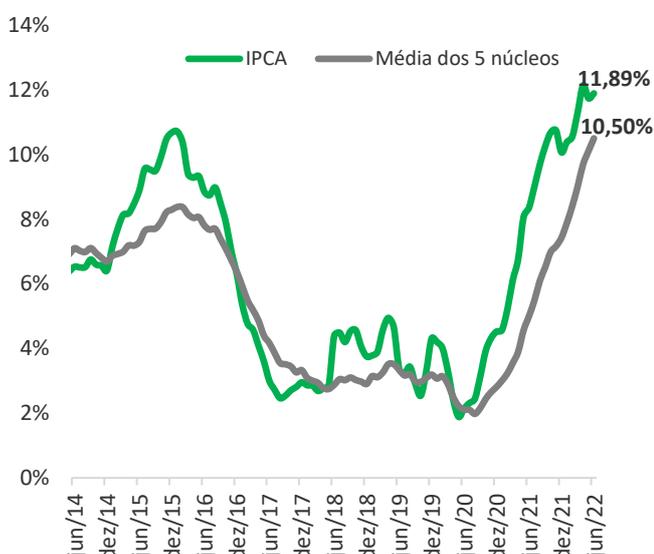
Variação Mensal



Índice de Difusão Média Móvel de 12 meses



Evolução Anual



Ligeiramente abaixo das expectativas de mercado, o IPCA de junho apontou avanço de 0,67%, após registrar alta de 0,47% no mês imediatamente anterior. Esse foi o maior resultado para o mês desde jun/18 (1,26%), quando ocorreu a greve dos caminhoneiros.

Influenciada pelos preços dos alimentos para consumo fora do domicílio (1,26%) e dos preços do feijão carioca (9,74%) e leite longa vida (10,72%), os preços dos alimentos e bebidas contribuíram com 0,17 p.p. na variação do índice, passando de 0,48% em mai/22 para 0,80% em junho.

Na sequência, o grupo Saúde e Cuidados Pessoais avançou de 1,01% para 1,24%, com o reajuste recente dos preços dos planos de saúde (2,99%), o que representou um impacto de 0,10 p.p. sobre o total. O grupo habitação reverteu a retração de -1,70% em mai/22 para UMA alta de 0,41% em junho. Em contrapartida, arrefeceram os preços dos Vestuários (de 2,11% para 1,67%), Transportes (de 1,34% para 0,57%), Comunicação (de 0,72% para 0,16%) e artigos de residência (de 0,66% para 0,55%).

Embora disseminada entre todos os grupos, o índice de difusão da inflação desacelerou de 72,4% em mai/22 para 66,6% em junho (menor índice desde nov/21). Contudo, na média móvel de 12 meses, a disseminação da inércia inflacionária é ainda representada pelo alto índice de difusão que passou de 70,4% no mês anterior para 70,6%.

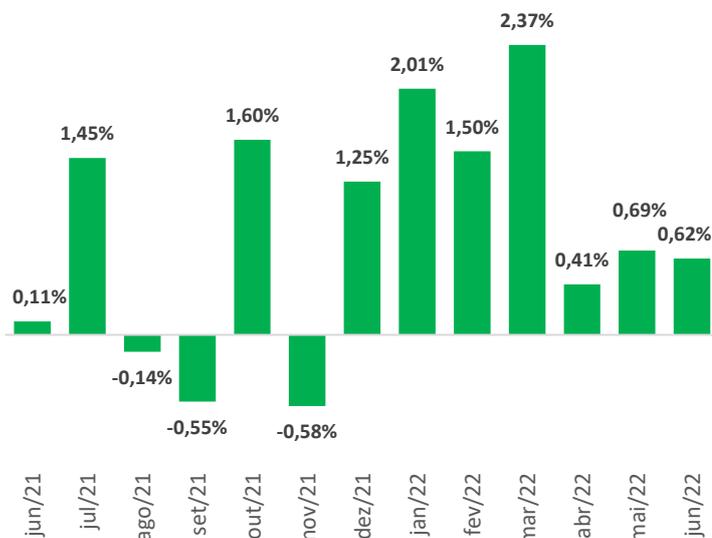
Com isso, o IPCA já acumula no ano uma alta de 5,49%. Em 12 meses, acelerou sua trajetória de alta para 11,89% a.a., contra os 11,73% a.a. registrados em mai/22. Com esse resultado constatam-se 10 meses consecutivos com a inflação anual rodando acima dos dois dígitos e em patamar duas vezes superior ao teto da meta oficial para o ano.

Adicionalmente, nota-se pressões nos itens associados à inflação subjacente, cujas medidas continuam distantes das metas, a despeito da desaceleração em alimentos a domicílio, a saber: 15,84% a.a. em alimentação, 13,21% a.a. em bens industriais e 8,85% a.a. em serviços. Por fim, a dinâmica ainda desfavorável para a inflação é evidenciada nas medidas de núcleos, de forma que em jun/22, a média dos núcleos acompanhados pelo Banco Central cresceu de 10,11% a.a. em mai/22 para 10,50% a.a..

Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

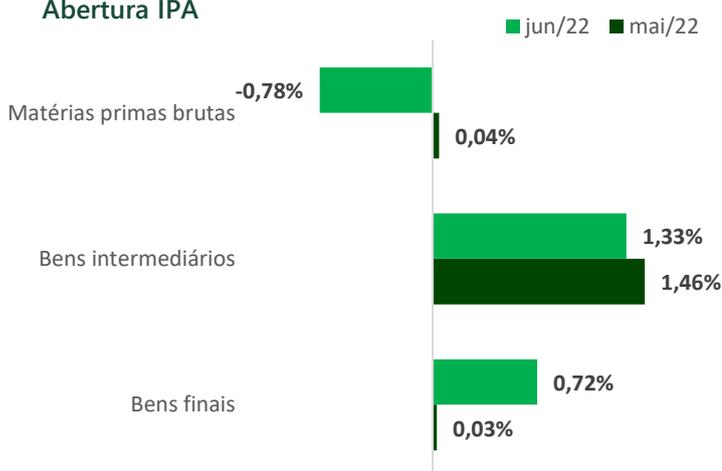
IGP-DI - Jun/22

Variação Mensal



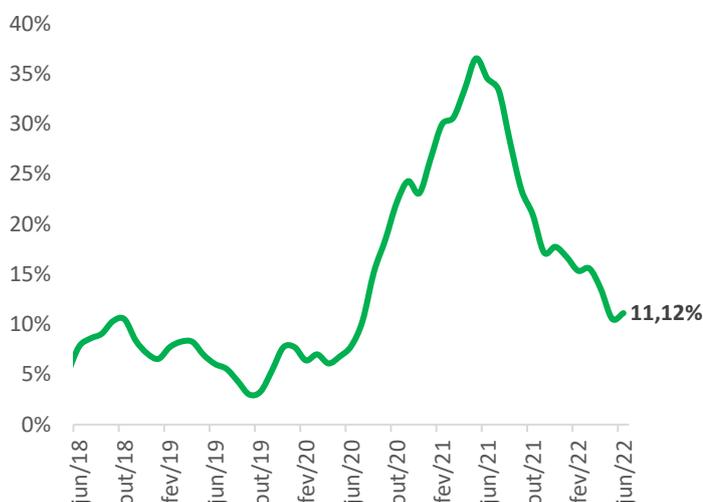
O IGP-DI, índice apurado pela FGV, reduziu a sua variação de 0,69% em mai/22 para 0,62% em junho, acumulando uma alta de 7,84% no ano (14,26% no mesmo período de 2021). Em 12 meses, houve uma aceleração de 10,56% a.a. em mai/22 para 11,12% em junho (34,53% em jun/21).

Variação Mensal Abertura IPA



O IPA, índice de maior peso para o IGP-DI, variou 0,44%, desacelerando em relação ao mês anterior (0,55%), porém com uma alta na variação em 12 meses de 11,27% a.a. contra 10,50% a.a. em mai/22 (45,96% a.a. em jun/21). Na abertura por estágio de processamento, a redução da deflação nos alimentos in natura de -5,79% para -0,70% possibilitou que o aumento dos Bens Finais passasse de 0,03% em mai/22 para 0,72% em junho. Por outro lado, a variação mensal dos Bens Intermediários recuou de 1,46% para 1,33%, com destaque para a baixa em suprimentos, que passou de uma variação de 2,70% para uma queda de -2,18%. O grupo de Matérias-Primas Brutas variou -0,78% contra 0,04% em maio. Tal queda se deveu ao recuo de 2,76% para -0,81% da soja em grão, de 3,65% para -1,24% para a cana-de-açúcar. A queda de preços do milho em grão passou de -0,10% em mai/22 para -3,30% em junho.

Evolução Anual



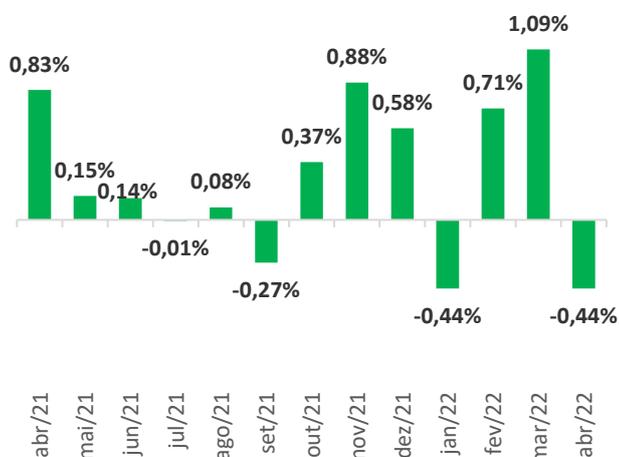
Embora tenha apresentado alta em apenas 3 dos 8 itens que o compõem, o IPC passou de 0,50% em maio para 0,67%. Contribuíram o aumento em Habitação, passando de -1,37% para 0,43% e da Alimentação, partindo de 0,45% para 1,30% e, em menor grau, a ligeira elevação nos itens de Vestuário (1,21% para 1,26%). Destaque, ainda, para os itens de tarifa de eletricidade residencial (-9,34% para -0,41%), hortaliças e legumes (-9,06% para -5,13%) e roupas (1,37% para 1,53%). Na variação em 12 meses, o IPC apresentou uma alta de 10,31% a.a. ante 10,28% a.a. em mai/22 (8,29% a.a. em jun/21).

Por fim, a variação do INCC teve queda de 2,28% em mai/22 para 2,14% em junho devido ao recuo no segmento de Materiais e Equipamentos de 1,72% para 1,07% e de 0,73% para 0,68% para Serviços. A classe de Mão de Obra foi a única das 3 que apresentou alta, passando de 3,08% para 3,35%. Em linha, o INCC desacelerou para 11,57%a.a. na variação em 12 meses (11,59% a.a. em mai/22 e 17,36% a.a. em jun/21).

Fonte: FGV. Elaboração ABBC

IBC-Br - Abr/22

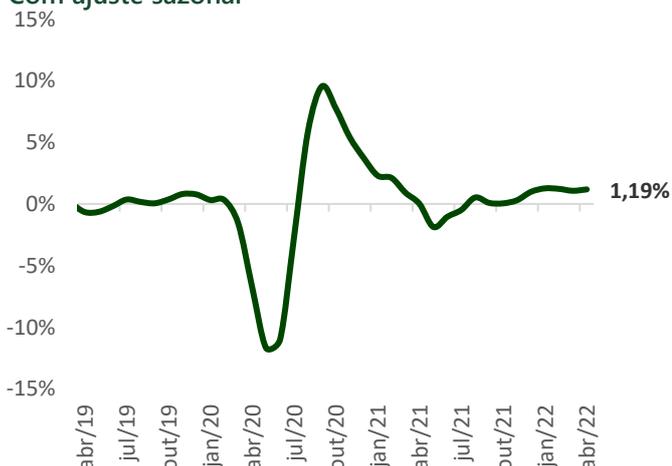
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Com 2 meses de atraso, decorrente da greve dos funcionários do Banco Central, o índice de atividade IBC-Br mostrou queda mensal de -0,44% em abril e elevação de 1,09% em março, na série com ajuste sazonal.

O resultado negativo esfriou um pouco do otimismo com relação à recuperação da atividade econômica. O desempenho de abril refletiu, principalmente, as elevações de 0,89% no varejo e de 0,17% em serviços, além da contração de -0,49% no setor industrial.

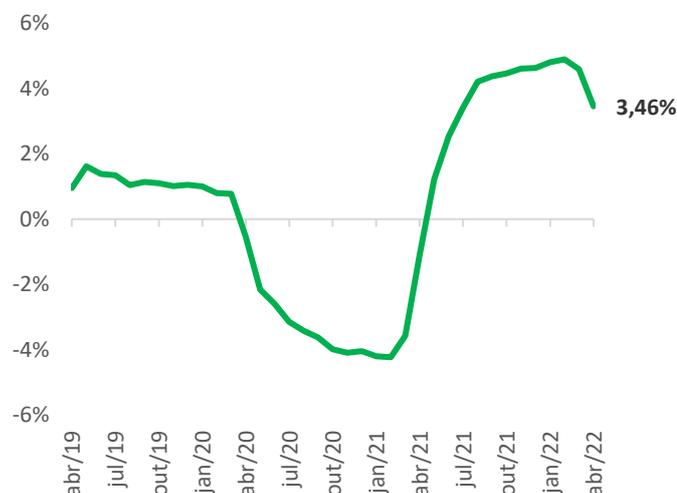
Variação Trimestral Com ajuste sazonal



Apesar da retração na comparação mensal, o indicador apontou uma aceleração no ritmo de crescimento da variação trimestral, saindo de 1,08% em mar/22 para 1,19%, também da série dessazonalizada. Esta tendência, alinhada com outros indicadores, será refletida no PIB do 2T22 que deverá apresentar uma variação positiva na margem.

Por fim, a variação anual do índice acumulado em 12 meses exibe uma tendência cadente. Encerrando abril em 3,46% a.a., ante alta de 4,59% a.a. em mar/22 e de 4,89% a.a. em fev/22.

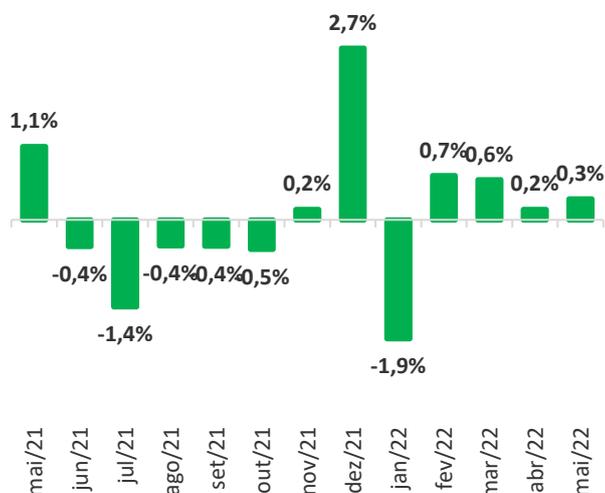
Variação Anual Acumulado em 12 meses



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

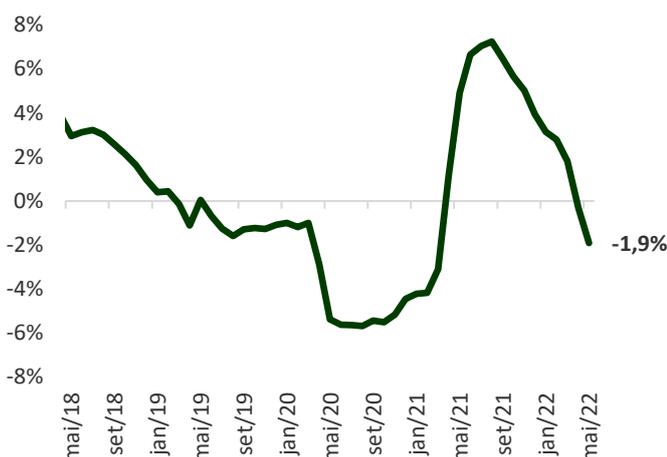
Produção Industrial - Mai/22

Variação Mensal Com ajuste sazonal



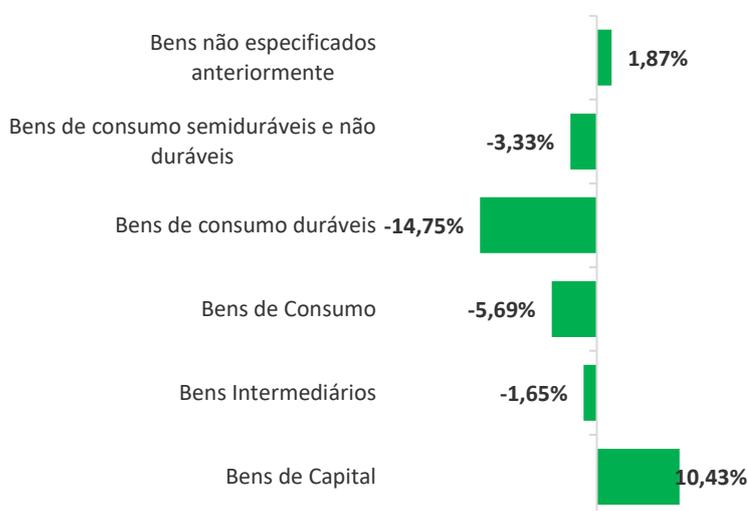
Variação Anual

Produção acumulada em 12 meses



Variação Anual

Acumuladas em 12 meses – por categoria de uso



Os números modestos para a produção industrial em maio não permitem apostar em uma evolução favorável. Do lado da oferta, o setor ainda sofre com as restrições no fluxo de matérias primas com os problemas na cadeia global de fornecimento, que tem levado várias plantas industriais a paralisações, a reduções de jornadas ou a concessões de férias coletivas. Pela demanda, ressaltam-se os impactos das elevadas taxas de inflação e de juros e da renda salarial ainda comprimida, mesmo com os bons sinais no mercado de trabalho.

Em maio, pelo 5º mês consecutivo, a produção física apresentou crescimento mensal, de 0,3% após a revisão para uma alta de 0,2% em abr/22, na série com ajuste sazonal. Entretanto, o resultado do mês veio abaixo da mediana das expectativas, que indicava uma alta de 0,6%. Com um *carry over* estatístico de 1,05% para o 2T22, a série sinaliza uma contribuição positiva para o PIB do período.

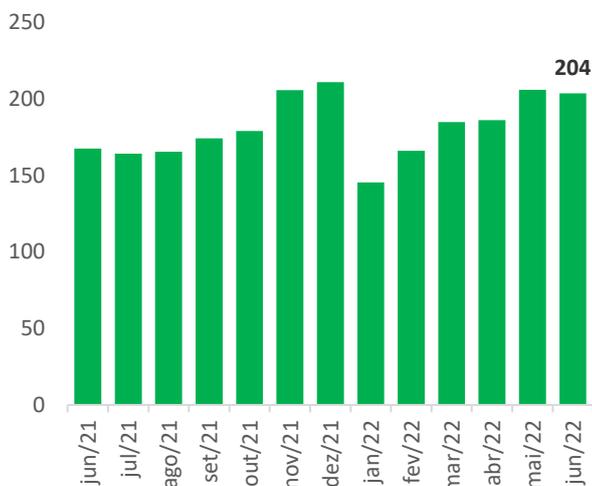
A variação anual da produção acumulada em 12 meses registra trajetória cadente desde ago/21 (7,24% a.a.), encerrando maio com retração de -1,92% a.a. ante queda de -0,32% a.a. no mês anterior e alta de 4,90% a.a. em mai/21. Por fim, a produção física acumula contração de -2,59% no ano, além de se encontrar -1,06% abaixo do patamar pré-pandemia (fev/20).

Na abertura por categoria de uso da variação anual da produção acumulada em 12 meses, destacam-se a elevação de 10,43% a.a. nos bens de capital e de 1,87% a.a. para bens não especificados. Por outro lado, registraram quedas: bens de consumo -5,69% a.a., com retrações de -14,75% a.a. nos duráveis, de -3,33% a.a. nos semiduráveis e não duráveis e de -1,65% a.a. nos bens intermediários.

Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Veículos - Jun/22

Produção Mensal Em mil unidades



O setor de veículos segue enfrentando dificuldades. Pela oferta, destacam-se os problemas com fornecimento de peças, em especial, semicondutores e na questão logística. O maior do mundo, o porto de Xangai ficou 60 dias fechado. No ano, o total de dias parados pelas 20 fábricas foi de 357, deixando-se de produzir 170 mil unidades.

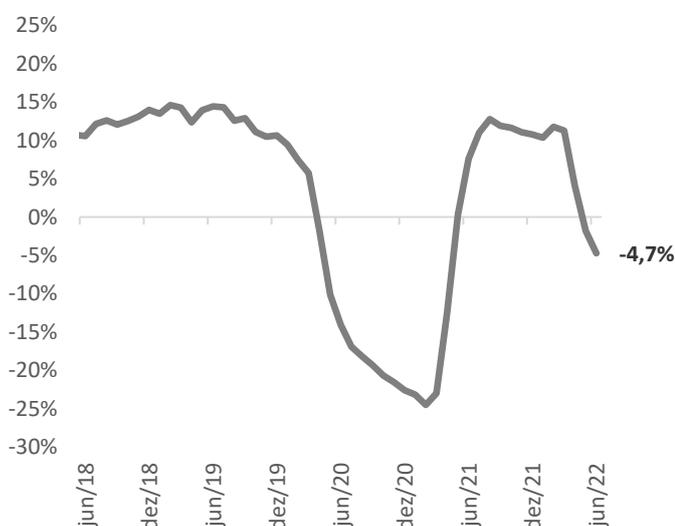
A despeito das dificuldades, a Anfavea apontou em junho uma produção acima das 200 mil unidades pelo 2º mês consecutivo (203,6 mil), o que sugere uma retomada no fluxo de fornecimento das matérias-primas, que é corroborada pela elevação na margem de 17,3% no estoque total (145,5 mil unidades).

Variação Anual Produção acumulada em 12 meses



As dificuldades do setor se fazem notar tanto na evolução no ano quanto na comparação anual. No 1º semestre, a produção total de veículos acumulou uma queda de -5,0% frente ao mesmo período do ano anterior. Por sua vez, a variação anual da produção acumulada em 12 meses segue trajetória cadente, encerrando junho com contração de -10,0% a.a. ante -8,9% a.a. em mai/22 (alta de 10,6% a.a. em jun/21).

Variação Anual Vendas acumuladas em 12 meses – veículos usados



Impactada pela elevação da taxa de juros e da inflação, as vendas de veículos novos, de acordo a Fenabrave, recuaram de 327,7 mil unidades em maio para 305,9 mil unidades. Também com tendência cadente, a variação anual das vendas acumuladas em 12 meses fechou com queda de -4,7% a.a. contra -1,8% a.a. em mai/22 (alta de 7,6% em jun/21).

Fonte: FENABRAVE. Elaboração ABBC

Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor - Jun/22

PEIC (%)

Percentual de famílias



Pela 2ª vez consecutiva em queda, a Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) da CNC mostrou que a parcela das famílias endividadadas (com cheque pré-datado, cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, crédito consignado, empréstimo pessoal, prestação de carro e de casa) recuou -0,1 p.p. na margem para 77,3%. Entretanto, mostrou uma alta acumulada de 1,0 p.p. no ano e de 7,6 p.p. em 12 meses.

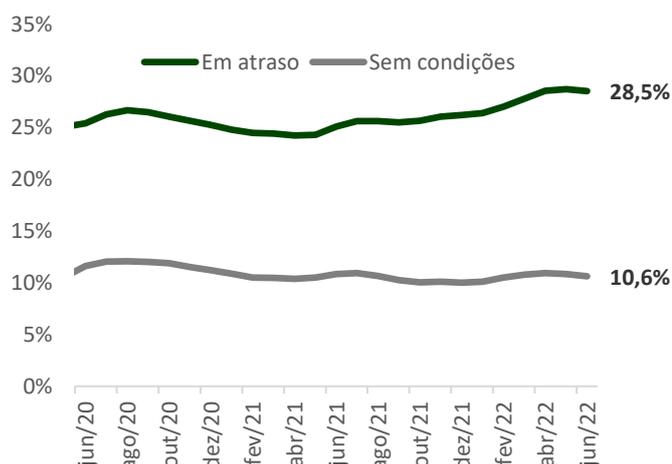
O resultado reflete, dentre outros fatores, a recuperação do mercado de trabalho, além das medidas temporárias de auxílio à renda, como os saques extraordinários do FGS, a antecipação do 13º salário de aposentados e pensionistas e o maior valor do auxílio Brasil. Contudo, o fraco desempenho da renda, juntamente com as elevadas taxas de juros e inflação, corroendo ainda mais a renda, impediram um resultado melhor.

Ainda no mês, observaram-se retrações de -0,2 p.p. nos percentuais de famílias com conta em atraso e nos que se consideram sem condições de pagar suas dívidas para 28,5% e 10,6%, respectivamente.

Por fim, a média da parcela de renda comprometida, dentre os endividados, exibiu a 4ª alta mensal consecutiva, fechando junho em 30,4% após 30,3% no mês anterior e no mesmo período de 2021.

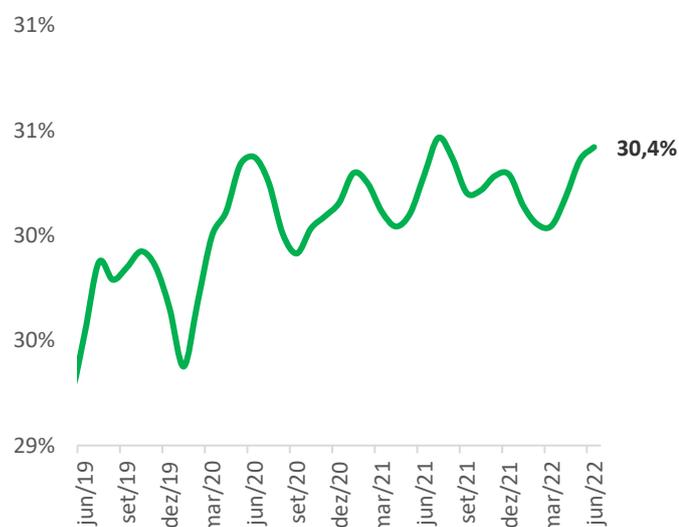
PEIC (%)

Percentual de famílias



Renda Comprometida

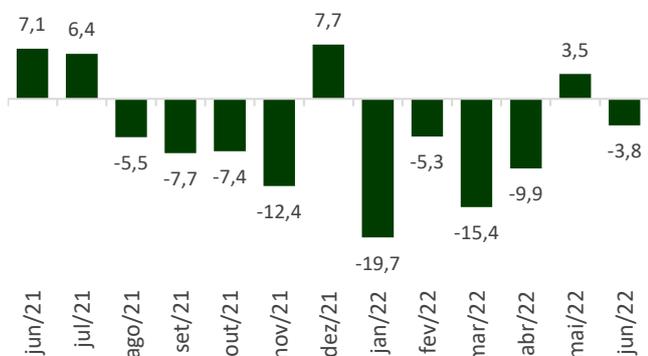
Média do percentual dentre os endividados



Fonte: CNC. Elaboração ABBC

Poupança – Jun/22

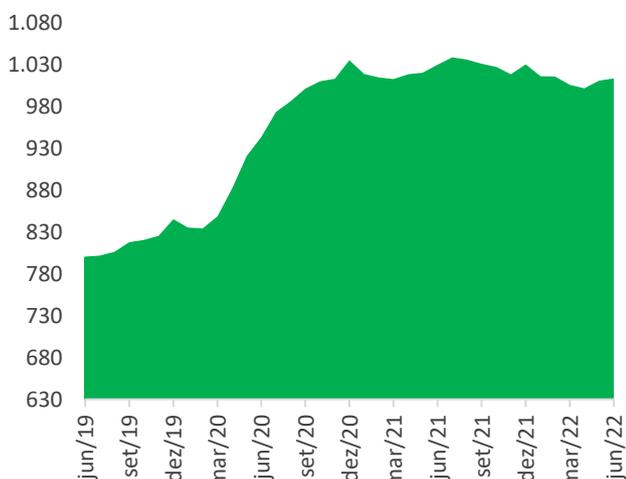
Captação Líquida (SBPE + Rural – R\$ Bilhões)



Evolução (SBPE + Rural – R\$ Bilhões)



Saldo SBPE + Rural – R\$ Bilhões



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

As informações sobre os saldos da caderneta de poupança foram atualizadas pelo Banco Central. O saque líquido dos recursos desse instrumento de captação atingiu -R\$ 3,75 bilhões em junho, valor que resultou de um total de depósitos de R\$ 308,6 bilhões e de retiradas de R\$ -312,4 bilhões. No mesmo período de 2021, o saldo líquido da caderneta de poupança fechou positivo em R\$ 7,08 bilhões.

O resultado de junho se somou ao rendimento de R\$ 6,3 bilhões creditado no mês. Assim, o saldo total da poupança totalizou R\$ 1,013 trilhão, contra R\$ 1,030 trilhão em jun/21, o que configurou uma elevação de 0,3% na margem e uma retração de -1,6% a.a..

No semestre, o saque líquido da caderneta de poupança foi de -R\$ 50,5 bilhões, contra -R\$ 16,5 bilhões no mesmo período de 2021, valor recorde para o período, segundo o Banco Central.

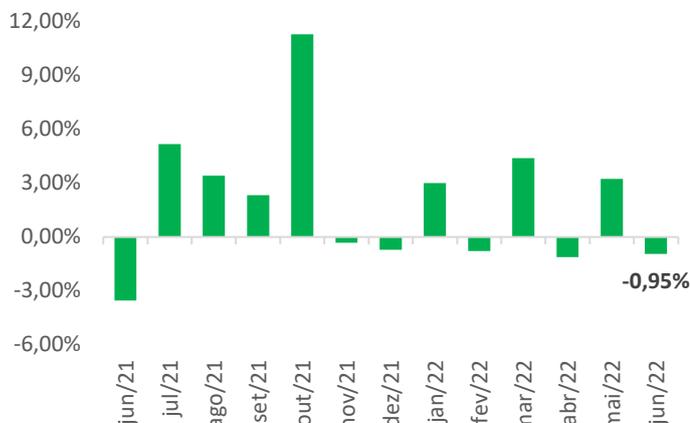
O movimento refletiu a alta da inflação, o ciclo de alta dos juros e o elevado nível de endividamento das famílias, que fazem com que poupadores recorram às suas reservas financeiras para cumprir os compromissos, além de procurarem uma rentabilidade maior em um momento de Selic elevada (em 13,25% a.a.).

No que tange à remuneração, o rendimento da caderneta de poupança foi de 0,65% a.m.+ TR (taxa referencial, que está em 0,1484% em junho), conforme o aniversário da aplicação e de 6,17% a.a..

IC-Br - Jun/22

Índice de *Commodities* Composto (IC-Br)

Varição Mensal

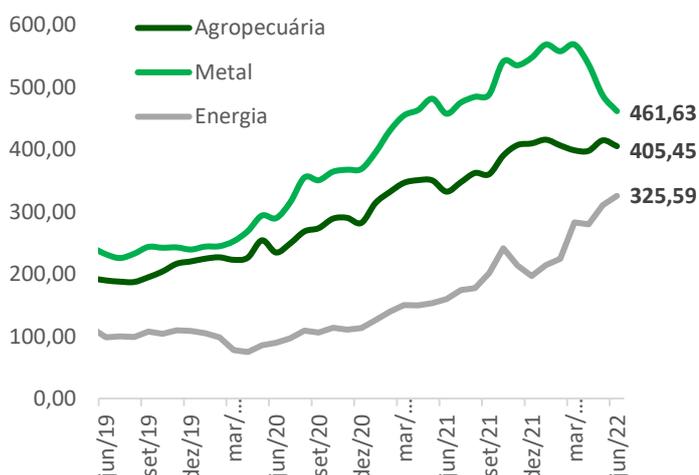


O IC-Br, índice constituído a partir dos preços das *commodities* agrícolas, metálicas e energéticas em reais, compilado pelo Banco Central, apresentou queda de -0,95% na passagem de mai/22 para junho. Passando de 432,11 para 428,02 pts., o indicador acumulou uma variação de 7,82% no ano ante acúmulo de 22,99% no mesmo período no ano anterior.

O recuo na margem foi impulsionado pela queda das *commodities* agrícolas e metálicas de -2,27% e -5,20% respectivamente. No ano, a variação acumulada foi de -1,08% para as *commodities* agrícolas e de -15,69% para as metálicas. Por outro lado, as *commodities* energéticas aumentaram 4,85% no mês e acumularam uma alta de 65,27% no ano.

Índice de *Commodities* (IC-Br)

Cotações em reais (média mensal) – Dez/2005 = 100



Em 12 meses, o IC-Br teve alta de 32,13%, resultante do aumento dos 3 itens de análise do indicador, com destaque para as *commodities* energéticas que variaram expressivos 103,80%, seguidas pelas *commodities* agrícolas, com alta de 21,94%, e pelo aumento de 0,90% nas metálicas.

Em linha, o CRB, *Commodity Research Bureau*, equivalente internacional do IC-Br, teve queda marginal de -0,45%, passando de 456,25 para 454,19 pts., porém apresentando aumento de 11,74% em 12 meses.

Índice CRB

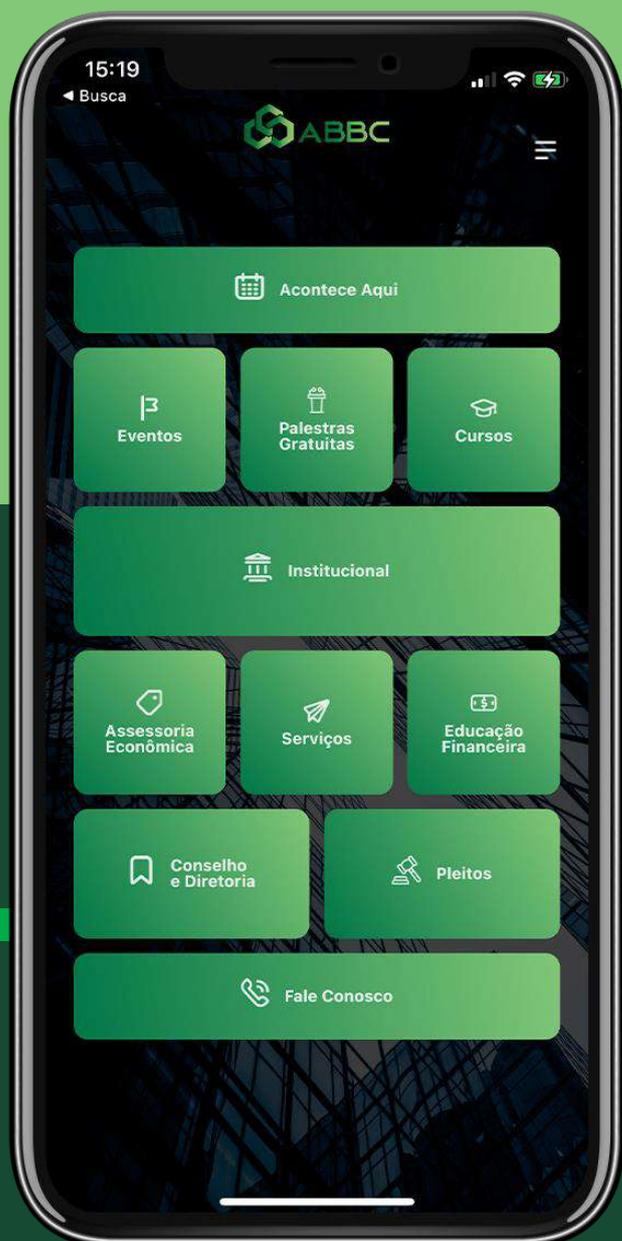
Varição mensal



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
Atividade, Inflação e Juros					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	1,5	0,6
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	8,9	6,6
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	10,0	10,8
IPCA (% a/a fim de período)	4,3	4,5	10,1	8,1	5,0
IGP-M (% a/a fim de período)	7,3	23,1	17,8	12,6	4,5
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	10,25
Setor Externo e Câmbio					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	67,0	55,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-25,0	-33,7
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	61,0	69,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,05	5,05
Fiscal					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	-0,2	-0,3
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-5,9	-5,7
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	60,9	63,9
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	78,9	80,6



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO
Google Play



Disponível na
App Store



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688